

**A PRESENÇA DE A *GENTE* EM GRAMÁTICAS E LIVROS  
DIDÁTICOS – UMA REFLEXÃO VOLTADA AO ENSINO DA LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**Vanderléia Costa  
Gabriel de Ávila Othero<sup>1</sup>**

**Resumo:** Análise de sete gramáticas e seis livros didáticos acerca do espaço destinado ao termo *a gente*, bem como uma reflexão e retomada de dados sociolinguísticos a respeito do uso do referido termo em contextos reais de fala, a fim de observar seus reflexos no ensino da disciplina de Língua Portuguesa.

**Palavras-chave:** gramática, pronome, *a gente*.

## **Introdução**

Este artigo surge de questionamentos feitos diante dos conteúdos que devem ser abordados nas aulas de língua portuguesa, no que condiz à relevância desses para a formação do aluno. Entre os conteúdos planejados para serem trabalhados com os alunos na Educação Básica, está a classe morfossintática dos pronomes. Em nosso texto, daremos ênfase ao tratamento que algumas gramáticas e livros didáticos dão ao uso dos pronomes pessoais. Mais especificamente, pretendemos verificar como esses materiais, que são voltados ao professor e ao aluno de língua portuguesa em contato escolar, apresentam o quadro pronominal com relação ao uso dos pronomes pessoais retos, especialmente como lidam com o *a gente*. Para nós, fica a dúvida de como devemos abordar o *a gente* nas aulas de língua portuguesa. Veremos que as gramáticas e livros didáticos que consultamos para desenvolver este trabalho não apresentam uma visão unificada desse fenômeno gramatical. Por isso, duas dúvidas que também guiarão este trabalho serão: o professor deve ensinar o *a gente* como pronome? Se a resposta a essa primeira pergunta for afirmativa, como fazê-lo?

---

<sup>1</sup> Professor da 6ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS

Diante da constatação, tanto como falantes quanto profissionais da área, do reconhecido espaço que o termo *a gente* (vamos chamá-lo de “termo” por ora) vem ocupando em nosso cotidiano, percebe-se a relevância de seu estudo e pesquisa<sup>2</sup>. Com o intuito de confirmar a presença usual e mais frequente do termo *a gente* em contraponto com seu correspondente *nós*, utilizamos como fontes pesquisas realizadas pelos projetos NURC (1970) e VARSUL (1990), em Zilles (2007), Vianna (2006) e Maia (2009). Procuramos realizar pesquisas em gramáticas da língua portuguesa, entre as quais Rocha Lima (1984) Terra (1996), Moura Neves (2000), Azeredo (2008), Cunha e Cintra (2008), Castilho (2010), Bagno (2011). Além disso, pesquisamos também em livros didáticos destinados ao Ensino Fundamental e Médio a fim de observar a abordagem que esses materiais estão dando para a questão do termo *a gente*.

Por fim, este artigo dispõe-se a apresentar sugestões acerca do trabalho com o termo *a gente* nas aulas de língua portuguesa, de uma maneira que o estudo esteja sempre voltado para a reflexão de fatos da língua.

## 1. O uso de *a gente* no português falado e escrito

Basta ser falante natural da língua portuguesa do Brasil para observar que o termo *a gente* ganha cada vez mais força com o passar dos anos<sup>3</sup>. Observamos sua forte presença na linguagem oral formal e informal e ainda um tanto estigmatizado na escrita formal, sendo mais aceito em textos informais que reproduzem a fala ou direcionam-se a leitores menos exigentes com a forma, como é o caso dos livros infanto-juvenis, ou de textos literários e letras de música que têm o objetivo de utilizar a expressão como forma de estilo, seja para aproximar-se mais de seus leitores, seja para inovar.

Com relação aos tipos de texto em que o termo *a gente* ainda não se manifestou, pois seria indesejado o seu uso, Schmitz (2006, p. 44) assim os relaciona:

O uso de ‘a gente’ ainda não tem prestígio oficial, sendo considerado pouco apropriado em textos escritos formais, como requerimentos, teses, dissertações, textos jurídicos, procurações, editais, alvarás, atestados, declarações, escrituras, leis e boletins de ocorrência. Num exame de textos jornalísticos, podemos observar que ‘a gente’ como pronome [pessoal] não ocorre em editoriais.

---

<sup>2</sup> O assunto já foi discutido em pesquisas variacionistas, mas nem por isso, é um assunto esgotado em si (cf. Abraçado, 1991; Machado, 1995; Omena & Braga, 1996; Lopes, 1999; Omena, 2003).

<sup>3</sup> Conferir biografia da nota 2.

Segundo Zilles (2007), não há estigma com relação à “forma inovadora” (denominação da autora para o termo *a gente*) na fala em todo o país. Fato que é comprovado nas pesquisas realizadas com um corpus composto de homens e mulheres que na sua maioria possuem ensino superior, padrão que se supõe adotar a fala mais prestigiada socialmente. Zilles (2007) traz dados coletados em pesquisas realizadas pelos projetos NURC e VARSUL de Porto Alegre nos anos 1970 e 1990 respectivamente, os quais acabam se complementando e reforçando a hipótese de aumento significativo do uso do termo *a gente* entre os entrevistados. Foram analisadas as entrevistas de 36 pessoas, sendo 18 do sexo feminino e 18 do sexo masculino, entre as faixas etárias de 25 a 44 anos (jovens) e de 45 a 69 anos (velhos). A partir do resultado da pesquisa, constatou-se um acelerado aumento do uso do termo *a gente* em oposição a *nós* se comparado com os dados obtidos em 1970, principalmente entre os entrevistados da faixa etária correspondente aos jovens (segundo categorização do projeto de pesquisa), chegando a atingir um percentual de 82% das manifestações para o termo *a gente* em respostas concomitantes com o pronome *nós* nos mesmos contextos, caracterizando, dessa forma, a aceitação por parte dos falantes de que esses dois termos são sinônimos de representação da 1ª pessoa do plural, como podemos verificar na Tabela 1.

Variação <i>a gente</i> versus <i>nós</i>		
Ano de nascimento	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>
1900 - 1925	24%	76%
1926 – 1950	67%	33%
1951 – 1975	82%	18%

Tabela 1: Variação *a gente* versus *nós* segundo ano de nascimento. Dados obtidos em Zilles (2007, p. 36).

Em Zilles (2007) ainda podemos verificar, segundo gráficos apresentados mediante pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil, uma consciente aceitação e regularidade no uso do termo *a gente* tendo em vista um quadro nacional. A Tabela 2 mostra dados obtidos nas regiões Sudeste (Rio de Janeiro), nordeste (João Pessoa) e sul (Florianópolis, Jaguarão e Pelotas). Se comparados os resultados, eles atingem uma média de 73,6% da preferência para o uso de *a gente*, visto que as regiões de Jaguarão e Pelotas, por fazerem fronteira com o Uruguai e serem localidades menores, apresentam maior lentidão nesse processo.

Percentuais de uso de <i>a gente</i> em amostras socialmente estratificadas		
Região	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>
Rio de Janeiro	70 %	30%
João Pessoa	79%	21%

Florianópolis	72%	28%
Jaguarão	69%	31%
Pelotas	78%	22%

Tabela 2: Percentuais de uso de *a gente* em amostras socialmente estratificadas. Dados disponíveis em Zilles (2007, p. 37).

Além dessa pesquisa, também obtemos como fonte o trabalho de dissertação de mestrado de Vianna (2006), o qual aborda as ocorrências de *a gente* na fala e na escrita carioca, baseando seus dados, entre outros, em análises de dois *corpora* do Projeto Censo/Peul-RJ, um deles realizado nas décadas de 1980 e 2000. O foco da autora era a análise de *a gente* em estruturas predicativas, conforme exemplos abaixo retirados de Vianna (2006, p. 51).

“... a gente é obrigada a fazer recuperação.” (dado 193, M2 2º grau)

“A gente nunca fomos assaltada, não.” (dado 89, M2 1º grau)

O resultado obtido com a análise dos *corpora* foi de 105 casos na década de 1980, com uma relação de 61 ocorrências do pronome *nós* e 44 para o termo *a gente*. Já na década de 2000, foram encontrados 82 dados de estruturas predicativas, sendo 40 com o pronome *nós* e 42 com o termo *a gente*, conforme Tabela 3. É importante ressaltar que os níveis sociais dos *corpus* analisados em Zilles (2007) e Vianna (2006) se diferem, sendo o segundo representado por um nível social mais baixo, devido às características dos entrevistados, de acordo com as categorizações dos projetos de pesquisa e das autoras.

Ocorrências de nós / <i>a gente</i> em estruturas predicativas (Censo / Peul RJ)			
Ocorrência de dados	Ano	<i>A gente</i>	Nós
105 dados	1980	44	61
82 dados	2000	42	40

Tabela 3: ocorrências de nós / *a gente* em estruturas predicativas. Dados obtidos em Vianna, 2006, p.50

No artigo de Maia (2009), o qual investiga a transição da variação *nós / a gente* no dialeto mineiro, mais precisamente em duas regiões de Minas Gerais, uma urbana e outra rural, podemos verificar a tendência pelo uso de *a gente* no lugar da forma pronominal *nós*, conforme dados analisados referentes à faixa etária dos informantes, ou seja, quanto mais jovens, maior a preferência pela forma *a gente*. Em contrapartida, quando comparadas as

regiões geográficas rural e urbana, constatou-se uma certa resistência à aceitação de *a gente* na zona rural, onde, segundo a autora, o processo de mudança vem ocorrendo com menor força. Segundo a Tabela 4 exposta abaixo, as proporções de preferência pelas formas *nós* e *a gente* chegam a se igualar, entretanto, seguindo parâmetros diferentes; enquanto na zona rural a preferência é pelo uso de *nós*, numa proporção de 67%, os mesmos 67% lideram a preferência dos informantes da zona urbana pela forma *a gente*.

Variação <i>Nós / A gente</i> no dialeto mineiro					
--	--	--	--	--	--

Idade	Faixa etária		Localização	Localização geográfica	
	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>		<i>A gente</i>	<i>Nós</i>
20 – 39 anos	63%	37 %	Rural	32%	67%
40 – 59 anos	59%	41%	Urbana	67%	32%
60 +	41%	49%			

Tabela 4: Variação *nós / a gente* no dialeto mineiro, dados obtidos em Maia (2009, p.58).

## 2. A abordagem de *a gente* nas gramáticas de língua portuguesa

Pode-se constatar que o termo *a gente* está em constante aceitação pelos falantes de todas as regiões do país, até mesmo pelos falantes mais cultos, portanto não pode mais ser ignorado e estigmatizado como pertencente a uma linguagem inferior que representa somente a classe menos privilegiada socialmente. O processo de *gramaticalização*<sup>4</sup> de *a gente* é fato, como se pode verificar em Omena & Braga (1996), Lopes (1999), Zilles (2007).

Conforme pretendemos ver como o assunto pode ser abordado e trabalhado nas aulas de língua portuguesa, pesquisamos algumas gramáticas para verificar que subsídios encontramos nos estudos gramaticais (de cunho normativo ou descritivo, como veremos). As gramáticas que usamos para nosso trabalho foram Rocha Lima (1984), Terra (1996), Moura Neves (2000), Azeredo (2008), Cunha e Cintra (2008), Castilho (2010), Bagno (2011).

### 2.1 Moura Neves (2000)

A *Gramática de usos do português*, de Maria Helena de Moura Neves, é uma gramática de orientação funcionalista, que tem a pretensão de descrever os fenômenos gramaticais do português brasileiro (PB).

---

<sup>4</sup> Gramaticalização, *grosso modo*, é um processo diacrônico pelo qual os itens lexicais transformam-se gradualmente em itens funcionais.

Moura Neves (2000) apresenta a seguinte proposta para o quadro de pronomes pessoais retos do PB:

	Singular	Plural
1º pessoa	Eu	Nós
2º pessoa	Tu, Você	Vós, Vocês
3º pessoa	Ele, Ela	Eles, Elas

Quadro 1: Pronomes pessoais retos de Moura Neves (2000), sistematização organizada por Wink, Finkenauer & Othero (2012).

Como se pode verificar, Moura Neves (2000) inclui em seu quadro pronominal a forma  *você*,  *vocês* como pronomes pessoais, enquanto muitos gramáticos ainda as consideram pronome de tratamento. Também reserva espaço para o termo  *a gente*, sendo abordado como um  **sintagma nominal** que é empregado na linguagem coloquial como um  **pronome pessoal** (NEVES, 2009, p. 469).

Segundo exemplos retirados de Moura Neves (2000, p. 469), o  **sintagma nominal a gente** é empregado para fazer referência à  **primeira pessoa do plural** (= Nós):

- (1) Depois A  *GENTE* conversa. (AGO)
- (2) Que tal A  *GENTE* se encontrar lá na Beira Mar? (AGO)

Ou ainda para referência genérica, incluindo todas as  **pessoas** do discurso:

- (3) Dizem que A  *GENTE* se habitua a tudo, que é só questão de vontade, ou melhor: de força de vontade. (A)
- (4) Nessas horas A  *GENTE* não pensa em nada, perde a cabeça. (AFA)

Nos exemplos 3 e 4, verificamos que, por mais que a referência seja genérica, é possível identificar o envolvimento da primeira pessoa no conjunto; é o que faz o sintagma nominal  *a gente* diferir dos outros sintagmas nominais que têm referência genérica, principalmente na linguagem coloquial ou popular, como é o caso de  *o cara*,  *o cidadão*, entre outros. Esses não têm identificação com a classe dos pronomes por apresentarem em seu núcleo do sintagma um substantivo de aplicação generalizada. (Neves, 2009, p.470).

Segundo exemplos e considerações feitas pela autora, percebemos a coerência de sua proposta de disponibilizar uma gramática funcionalista que aborda os usos do português, visto que o uso da forma *a gente* está muito presente na fala e até mesmo na escrita, em alguns contextos. Além de também se mostrar coerente o fato de não incluir em seu quadro pronominal o termo *a gente*, já que tem a pretensão de não se desviar totalmente da gramática normativa, por esta apresentar-se como um parâmetro que guia e restringe os usos da língua.

## 2.2 Castilho (2010)

Na *Nova Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba T. de Castilho, percebemos uma abordagem inovadora, tanto na maneira como são apresentados e discutidos os assuntos, como nos temas e enfoques que são dados para as manifestações da modalidade falada da linguagem. É o que se pode verificar no quadro seguinte, no qual Castilho (2010, p.477) nos apresenta o quadro atual de pronomes do PB:

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	Eu	Me, mim, comigo	Eu, <b>a gente</b>	Eu, me, mim, Prep + eu, mim
2ª pessoa sg.	Tu, você, o senhor, a senhora	Te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora	Você/ocê/tu	Você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (=docê, cocê)
3ª pessoa sg.	Ele, ela	o/a, lhe, se, si, consigo	Ele/ei, ela	Ele, ela, lhe, Prep + ele, ela
1ª pessoa pl.	Nós	Nos, conosco	<b>A gente</b>	<b>E gente, Prep + a gente</b>
2ª pessoa pl.	Vós, os senhores, as senhoras	Vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras	Vocês/ocês/cês	Vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ ocês
3ª pessoa pl.	Eles, elas	Os/as, lhes, se, si, consigo	Eles/eis, elas	Eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas

Quadro 2: Pronomes pessoais em Castilho (2010), grifo nosso.

Percebe-se a justificativa de Castilho (2010) para seu quadro de pronomes na seguinte passagem:

Os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua. A

centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica por que a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal e na estrutura funcional da sentença. Ufa! Não é pouca coisa!!! (Castilho, 2010, p. 477).

Castilho (2010) dispõe de dados coletados pelos inquiridos do NURC para confirmar que o termo *a gente* comuta com a forma *nós* nos mesmos contextos, o que confirma a paridade dos termos em aceitação pelos falantes. O que se observa nos exemplos seguintes, retirados da mesma fonte (Castilho, 2010, p. 477).

- (1) *Então toda aplicação já supõe uma interpretação que **para nós**, se **a gente** analisa objetivamente é que vê que vai se constituir numa análise.*
- (2) *Então, quando **nós** fazemos, por exemplo, uma pesquisa, quando **nós** fazemos uma consulta bibliográfica, a rigor, eu tenho que dizer que é a rigor, porque normalmente **a gente** tira exatamente o pedaço do livro que(...) **a gente** tira retalhos.*

Em seu quadro de pronomes pessoais do PB, Castilho (2010) identifica três processos de reorganização: (i) criação, substituição e alteração de formas pronominais; (ii) perdas e ganhos no quadro dos reflexivos; (iii) transformação progressiva dos pronomes pessoais em morfemas prefixais de pessoa.

Dos processos de reorganização do quadro dos pronomes pessoais citados, nos atemos mais ao primeiro: criação, substituição e alteração de formas pronominais. Nesse item, Castilho (2010) nos mostra que na primeira pessoa do plural, *nós* tem sido substituído pelo “sintagma nominal indefinido” *a gente*, identificado nos exemplos a seguir (Castilho, 2010, p. 478):

- 1) *A **gente** não está sabendo bem como sair desta.*
- 2) ***Nós** rimos muito ontem à noite, e aí **a gente** começamos a se entender.*
- 3) ***Nós** tem uma sinuquinha lá que **nós** fizemos, **a gente** não se fala legal.*

O exemplo (1) é retratado pelo autor como próprio da língua padrão, pelo fato de o termo *a gente* levar o verbo para a terceira pessoa. Já os exemplos (2) e (3) são considerados construções típicas da língua não padrão por não fazerem a mesma concordância. Castilho observa que as sentenças em que há predomínio de *a gente* fazem referência a atividades,



comportamento, costumes, opiniões e generalizações; e as sentenças discursivas funcionam como figura das narrativas, predomina *nós*.

### 2.3 Azeredo (2008)

A *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, de José Carlos de Azeredo, pretende ter um caráter descritivo da língua portuguesa do Brasil ao analisar dados da variedade padrão escrita “empregadas razoavelmente em comum por escritores/ jornalistas/ autores brasileiros, desde a segunda metade do século XIX até os dias atuais” (AZEREDO, 2008, p. 26).

Para Azeredo, “as palavras gramaticais cuja função referencial é identificar as pessoas do discurso se chamam **pronomes pessoais**” (AZEREDO, 2008, p. 175). De acordo com essa definição, ele entende que os pronomes demonstrativos e os possessivos também pertenceriam, da mesma forma que os pessoais em sentido restrito, à classe dos pronomes pessoais, pois todos fazem referência às pessoas do discurso. No entanto, segundo Azeredo, de acordo com a nomenclatura oficial, a classe dos pronomes pessoais aplica-se apenas às formas com que se assinalam

- |  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"><li>a) o indivíduo que fala – primeira pessoa do singular (eu)</li><li>b) o conjunto de indivíduos em que o <i>eu</i> se inclui – primeira pessoa do plural (<b><i>nós/ a gente</i></b>),</li><li>c) o indivíduo ou indivíduos a que o <i>eu</i> se dirige – segunda pessoa , do singular ou do plural (tu/vós, você/vocês) e,</li><li>d) o indivíduo ou coisa a que o <i>eu</i> se refere – terceira pessoa do singular ou do plural (ele/eles)</li></ul> |
|--|

Quadro 3: Pronomes pessoais em Azeredo, 2008, p.175 grifo nosso

Nota-se pelo Quadro 3 que Azeredo (2008) inclui em sua lista de pronomes pessoais o termo *a gente* como expressão indicativa da primeira pessoa do plural em consonância com o pronome *nós*. No entanto, nas observações posteriores às informações descritas acima, ele nos traz a seguinte justificativa para a citação de *a gente* em sua lista:

Os brasileiros empregam a forma *a gente*, especialmente na língua falada semiformal e informal, como equivalente de *nós*, seja com um valor genérico/ indeterminado (como o do pronome *se*: não se sabe/ *a gente* não sabe), seja para a referência dêitica situacionalmente identificada. (AZEREDO, 2008, p.176).

Com isso, podemos ver que sua análise ora aceita a forma *a gente* como pronome pessoal de primeira pessoa, ora tenta justificar sua colocação, restringindo-a a determinada variedade linguística: língua falada semiformal e informal.

## 2.4 Cunha e Cintra (2008)

A *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, difere das demais gramáticas abordadas neste artigo até então, pelo fato de procurar descrever o português contemporâneo culto baseado na língua utilizada por escritores brasileiros, portugueses e africanos do Romantismo até os nossos dias, pretendendo dar mais prioridade para os escritores mais atuais.

No capítulo destinado aos pronomes, Cunha e Cintra (2008) reservam um espaço para o termo *a gente*, categorizando-o como **fórmula de representação de 1ª pessoa**. Segundo os autores, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu* no “colóquio normal”.

Conforme os exemplos retirados de Cunha e Cintra (2008, p. 310):

Houve um momento entre nós

Em que **a gente** não falou.

(F. Pessoa, *QGP*, nº270).

- Não culpes mais o Barbaças, compadre! **A gente** só queria gastar um bocadito do dinheiro.

(F. Namora, *TJ*, 165).

- Você não calcula o que é **a gente** ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.

(C. dos Anjos, *DR*, 41).

Em seguida, os autores advertem para o uso correto do termo *a gente*, salientando que a concordância deve ficar sempre na 3ª pessoa do singular, como se vê nos exemplos acima.

Podemos observar que Cunha e Cintra (2008) seguem o que se propõem quando trazem exemplos de uso da língua literária, tanto que a normatizam advertindo para a sua concordância gramaticalmente correta. Com isso, mesmo sem abordar o uso na oralidade (já que não é o objetivo da gramática) da concordância de *a gente* na 1ª pessoa do plural, deixam subentendida sua restrição.

## 2.5 Terra (1996)

Ernani Terra, com seu *Curso Prático de Gramática*, tem o objetivo de fornecer ao público uma ferramenta de estudo da língua culta baseada em exemplos de escritos de autores modernos.

O *Curso Prático de Gramática* é um material de cunho didático: apresenta, inclusive, no fechamento de cada seção, exercícios de fixação e aprofundamento, os últimos baseados em questões de vestibulares. Como já era esperado, devido aos critérios seguidos pelo material consultado, o *Curso Prático de Gramática* não menciona o termo *a gente*.

## 2.6 Rocha Lima (1984)

A *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima, é uma gramática de cunho tradicional e normativo. No prefácio dessa edição, Serafim da Silva Neto defende a maneira tradicional de Rocha Lima ao mesmo tempo em que critica as novas visões sobre a gramática. (Neto In Lima, 1984).

É precisamente o amadorismo, a falta de visão de conjunto, que faz os gramáticos perderem-se numa infinidade de questiúnculos, num labirinto de classificações e numa nomenclatura tão rebarbativa quanto inútil. A gramática deve ser simplificada e não complicada: deve registrar o mínimo de noções, não arbitrariamente deduzidos na cabeça dos gramáticos e pretensos gramáticos, mas, ao contrário, rigorosamente justificados pelos fatos da língua.

Rocha Lima (1984), não cita em sua gramática o termo *a gente*.

## 2.7 Bagno (2011)

Em sua *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, Bagno pretende descrever o funcionamento do português brasileiro contemporâneo.

A gramática de Bagno (2011) traz uma seção destinada à reflexão sobre “os índices da 1ª pessoa”, na qual nos apresenta um quadro, exposto abaixo (quadro 4) em que revela os termos “indicadores da 1ª pessoa no português brasileiro”.

INDICADORES DA 1ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO									
SUJEITO		OBJ. DIRETO		OBJETO INDIRETO		REFLEXIVO		COMPLEMENTO OBLÍQUO	
Sing.	plural	Sing.	Plur.	Sing.	plural	Sing.	Plur.	singular	plural
Eu	Nós	Me	Nos	Me	Nos	Me	Nos	Mim	Nós
Me	<b>A gente</b>	Eu	Nós	A mim	A nós	Se	(comigo)	(conosco)	

Mim	Para mim	Para nós <b>À gente</b>	Eu	<b>A gente</b>
	Para eu	Para <b>a gente</b>		

Quadro 4: Indicadores da 1ª pessoa no português brasileiro em Bagno (2011, p. 743) grifo nosso.

Como podemos verificar, Bagno (2011) reconhece o termo *a gente* juntamente com os outros pronomes tradicionais da língua portuguesa, na posição de sujeito, objeto indireto e complemento, como indicadores da 1ª pessoa do plural.

Bagno (2011) salienta que, na posição de sujeito, verifica-se no PB contemporâneo uma concorrência entre *nós* e *a gente*, com ampla preferência pelo segundo termo. Além de trazer exemplos da fala urbana de prestígio (segundo inquiridos do NURC) de concordância das formas verbais de *nós* com referência ao sujeito *a gente* no prosseguimento do enunciado, como vemos no exemplo (1) abaixo. (Bagno, 2011, p. 743).

(1) nós crescemos em termos absolutos todo o Brasil cresce **a gente tem** que crescer também... mas em termos relativos **estamos** indo pra trás e é preciso denunciar isso e gritar. (NURC/ REC/ 005)

A *Gramática Pedagógica do PB* também nos revela dados obtidos segundo pesquisas feitas por Omena (2003), os quais aparecem no seguinte quadro.

Idade	a gente	Nós
7 – 14 anos	94%	6%
15 – 25 anos	93%	7%
26 – 49 anos	83%	17%
50+	65%	35%

Quadro 5: resultados de pesquisas feitas por Omena (2003) esquematizada por Bagno (2011, p. 744), adaptadas para esse artigo.

Segundo análise dos dados apresentados no Quadro 5, o autor nos revela que pode estar ocorrendo uma mudança linguística na geração correspondente à faixa etária de 7 a 25 anos, devida a ampla preferência, quase categórica, pelo uso de *a gente*.

Bagno (2011) nos traz ainda que, na posição de objeto direto e indireto a forma **nos** é de emprego extremamente raro no VGB (vernáculo gramatical brasileiro); em seu lugar, se usa mais amplamente **a gente** (Bagno, 2011, p.745). Além disso, também faz referência ao complemento oblíquo **conosco**, o qual é bem menos usado do que **com a gente**, sobretudo na fala menos monitorada (Bagno, 2011, p. 746).

Em suma, pode-se perceber que a maioria das gramáticas consultadas, mesmo aquelas que dedicam um espaço para o termo *a gente* e suas manifestações na oralidade ou na escrita, o fazem com ressalvas (ver Quadro 6), sejam de uso ou concordância. O que acaba por influenciar os livros didáticos, ao que veremos em seguida.

Gramáticas	Apresenta o “a gente”?	Classificação gramatical	Restrição de uso
Moura Neves, 2000	Sim	Sintagma nominal / pronome pessoal	Linguagem coloquial
Castilho, 2010	Sim	Sintagma nominal indefinido / pronome pessoal	Linguagem informal
Azeredo, 2008	Sim	Pronome pessoal	Língua falada semiformal ou informal
Cunha e Cintra, 2008	Sim	Expressão substantiva	Colóquio normal
Terra, 1996	Não	Não	Não
Rocha Lima, 1984	Não	Não	Não
Bagno, 2011	Sim	Índice de primeira pessoa	Não

Quadro 6: Gramáticas, apresentação, classificação e restrição de uso do termo *a gente*.

### 3. A abordagem de *a gente* nos livros didáticos

Tendo em vista a relevância de se trabalhar com esse assunto nas aulas de língua portuguesa, procuramos saber quais livros didáticos tratam do tema e como tratam dele, já que é esse material de que a maioria dos professores dispõe para pesquisa e auxílio de suas aulas, muitos deles distribuídos, hoje, gratuitamente, pelo Ministério da Educação às escolas públicas de todo país.

Procuramos identificar nos materiais consultados que abordam o termo *a gente*, a seção onde esse conteúdo é tratado e analisado, sendo que poderíamos encontrá-lo nas seções de estudo dos pronomes pessoais ou de estudo da concordância.

Foram feitas pesquisas em 23 livros didáticos que foram utilizados ou que se encontram disponíveis aos professores para auxílio em suas aulas de Língua Portuguesa. Contudo, somente 6 deles abordam o termo *a gente*, como veremos. Aqueles que abordam foram analisados e expostos neste artigo, aqueles que não abordavam o tema não foram listados por não se ter tido a possibilidade de verificar todas as séries da edição, já que, em algumas delas, o conteúdo poderia ter sido trabalhado, visto que não há uma regra engessada

que assinala quais os conteúdos devem ser trabalhados em cada série, mas uma orientação, o que se aparentou foi que cada organizadora tem um direcionamento.

### 3.1 Tudo é linguagem

O livro didático *Tudo é linguagem* (Borgatto; Bertin; Marchezi, 2006) é destinado ao 6º ano do ensino fundamental.

No espaço destinado aos pronomes, as autoras citam somente as formas consagradas; no entanto, no decorrer do texto, fazem observações sobre as variações de uso dependendo das regiões do país para as formas de 2ª pessoa (tu / vós) que são substituídas por você / vocês, além de propor atividades que trabalham tanto com a oralidade das formas oblíquas dos pronomes como o seu correspondente mais formal.

No fechamento da unidade, é proposta uma atividade baseada na interpretação de uma tira de Quino, *Toda a Mafalda*. Ao analisar o texto e as questões propostas, percebemos que o livro didático utilizou a tira para abordar o uso da expressão *a gente* no discurso proferido pelo menino (segundo quadrinho), dando destaque para a característica de uso dessa expressão em uma linguagem coloquial, familiar, do dia a dia.

Leia a tira:



QUINO. *Toda a Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 411.

No entanto, se substituirmos a expressão *a gente* por *conosco* como nos sugere o enunciado da questão, ela perderia sua naturalidade, partindo-se do pressuposto de que se usa muito mais *a gente* do que *conosco* em contextos reais de fala, principalmente na fala das crianças; situação que pode ser confirmada segundo pesquisas realizadas por Omena (2003, p.65)

O uso de *a gente* por *nós* avançou mais em alguns contextos do que em outros: predomina na função de adjunto adverbial – *com a gente* é bem mais frequente do que *conosco*, chegando a ser categórico entre as crianças. Na função de complemento e de sujeito, com taxas diferentes entre crianças e adultos, *a gente* predomina (...)

### 3.2 Português : Ensino Médio, volume 1

No livro didático *Português: ensino médio, volume 1*, de José de Nicola, distribuído pelo Ministério da Educação para os anos 2009, 2010 e 2011, percebemos o objetivo do autor para o livro em sua apresentação:

Quando alguém toma a palavra, seja falando, seja escrevendo, e diz algo a outra pessoa, num dado momento, numa certa situação, com determinada intenção, torna-se “dono” da língua, atribui sentidos às palavras, as frases deixam de ser simples estruturas gramaticais e passam a ter um significado particular.

Mas o reinado sobre a língua não é tão absoluto quanto possa parecer. Afinal, a língua não pertence a um indivíduo; é, ao contrário, propriedade coletiva e, por isso mesmo, impõe limites. E ainda bem que é assim, senão não haveria conversa, troca: todos falariam e ninguém se entenderia. (NICOLA, 2009)

Essa comunhão com a língua e reflexão sobre os atos de fala aparece no capítulo destinado à Concordância, Flexões e Desinências. O autor aborda a concordância da expressão *a gente* trazendo a seguinte justificativa:

Cada vez mais a expressão *a gente* é empregada na função de pronome pessoal, ora para fazer referência à primeira pessoa do plural (nós), ora para fazer uma referência genérica, mas sempre com uma característica: o falante se inclui no conjunto referido. (NICOLA, 2009, p. 55)

Para demonstrar o ponto, ele traz exemplos de frases da oralidade em que ora usa-se a expressão *a gente* concordando com o verbo na 1ª pessoa do plural:

- a) A gente **somos** fracos mas com as nossas necessidades **conseguimos** levantar a folia dos Três Reis Magos. (<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/06tjadmp.pdf>)

Ora concordando com o verbo na 3ª pessoa do singular (Nicola, 2009, p. 55 e 56)

- b) A gente **vive** juntos, **brinca** juntos, **sonha** juntos, **briga**, por que não? Mas a gente **enfrenta** as barras que aparecem juntos. (<http://intervox.nce.ufrj.br/-valterjr/namoro.html>)

O autor salienta que, nos dois exemplos, a concordância é feita com a primeira pessoa do plural. Para o exemplo (a), o autor diz ter ocorrido um caso de silepse, por não haver concordância do núcleo do sujeito que está no singular com o verbo que está no plural, mas sim concorda com o sentido da expressão *a gente*, que indica primeira pessoa do plural.

Segundo o livro didático, no exemplo (b) há concordância gramatical: substantivo no singular, verbo na terceira pessoa do singular.

É adequada a abordagem do autor para o termo *a gente* no que condiz ao espaço destinado à concordância desse termo sem ridicularizar seus diferentes usos pelos falantes. Com isso, ele abre um espaço para reflexão e para a aceitabilidade daquilo que é diferente, mas que pode ser linguisticamente explicado.

Na proposta de atividades (ANEXO 1), temos a presença do termo *a gente* em um diálogo, mais precisamente em uma transcrição de uma mesa-redonda sobre Machado de Assis, composta por acadêmicos. Constata-se na fala dos acadêmicos o termo *a gente* e solicita-se na atividade que se verifique a quem ele se refere.

No mesmo livro didático, nas propostas de atividades retiradas de provas de vestibulares, encontramos a seguinte questão:

*(UFG- GO) No conhecido verso de um rock – “a gente somos inútil”-, há uma concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua culta, é comum na fala popular. Como se explica essa possibilidade de construção na língua portuguesa?*

Essa questão justifica a abordagem e o espaço no livro destinado à concordância de *a gente*. Entretanto, vale lembrar a realidade do trabalho em sala de aula, pois o professor pode nunca ter tocado nesse assunto, muito menos feito junto com seus alunos uma análise reflexiva do uso de *a gente* nessa ou em outras letras de música, sem o propósito, é claro, de ridicularizar o seu uso, e sim de justificá-lo, pois é o que a questão solicita: uma explicação, uma justificativa.

Já que o material didático propõe uma reflexão para o uso da concordância *a gente* em 1ª pessoa do plural ou 3ª pessoa do singular, pensou-se em uma atividade que envolvesse uma turma do ensino médio, a que esse livro destina-se. A atividade seria a realização de uma pesquisa pelos alunos, ou seja, uma coleta de material linguístico entre os falantes de seu convívio para análise da forma mais utilizada por essas pessoas.

### **3.3 Projeto Araribá: Português 5ª série**



O livro *Projeto Araribá: Português -5ª série* de Kanashiro (2006) é uma obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna e distribuída pelo Ministério da Educação para os anos de 2008, 2009 e 2010.

Na seção destinada ao “emprego dos pronomes pessoais” encontramos a seguinte citação para o uso de *a gente* (Kanashiro, p. 210):

“A expressão *a gente* pode substituir o pronome nós na linguagem informal. Atenção à concordância:

*A gente vai.* → *Nós vamos.*                      *A gente saiu.* → *Nós saímos.*”

Dada a seguinte questão proposta pelo material didático: “reescreva no caderno em linguagem formal a frase ‘a gente se faz todas aquelas perguntas difíceis’” (Kanashiro, p. 211); percebemos que o livro didático analisado pretende disponibilizar atividades que trabalhem com a reescrita de expressões da linguagem informal para a linguagem formal.

### **3.4 Interação & Transformação**

No livro didático *Interação & Transformação – Língua Portuguesa, 8ª série* de Bourgonne e Silva (1996) não há nenhuma seção sobre os pronomes pessoais do caso reto, somente sobre os oblíquos, mas sem comentários sobre o termo *a gente* em conteúdos gramaticais.

Em uma das seções que pretende abordar questões sociais a partir de textos e músicas, encontramos a música *Comida* de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito. Entre as questões de interpretação da letra da música, a primeira solicita que os alunos identifiquem a quem a expressão “a gente” está fazendo referência, e dá como resposta: “ao povo brasileiro”. Em relação a essa questão, também poderia ser discutido a relevância ou o motivo que levou os autores da letra da música escolherem o termo *a gente* em vez de *nós* ou de *povo brasileiro*. As questões referentes à música encerram-se com um estudo da figura sintática *anáfora* utilizando como exemplo a repetição do termo *a gente*.

### **3.5 Trabalhando com a linguagem – 6º ano**

O livro didático *Trabalhando com a linguagem, 6º ano* de Givan Ferreira et al. foi distribuído pelo Ministério da Educação para os anos de 2011, 2012 e 2013. Ele traz uma

seção de estudo dos pronomes, entretanto, não apresenta em seu quadro pronominal o termo *a gente*, mas menciona-o em um exercício no qual pede para que o aluno identifique a diferença entre a palavra **agente** e a expressão *a gente*, questionando-os qual dos casos é usado para substituir o pronome *nós* e solicitando a elaboração de frases que exemplifiquem o uso de *agente*, *a gente* e *nós*. Com isso, espera-se que o professor aborde a discussão acerca do uso de *a gente* em contraponto ao seu correspondente *nós*.

### 3.6 Português *Linguagens* – 6º ano

O livro didático *Português Linguagens – 6º ano* de Cereja e Magalhães, 2009, não trata em seu quadro de pronomes pessoais, o termo *a gente*, mas dedica um espaço para abordar a inclusão defendida, segundo eles, por alguns especialistas, dos termos **você**, **vocês** e **a gente** entre os pronomes pessoais. Sem mais explicações acerca do termo *a gente*, eles encerram sua abordagem questionando se na opinião dos leitores (alunos) **você** e **a gente** deveriam figurar entre os pronomes pessoais.

### Considerações finais

Nesse ponto, pretendemos retomar os objetivos deste artigo, os quais eram: verificar quais e como as gramáticas e livros didáticos estão apresentando o termo *a gente*, com o intuito de que esse material servisse de reflexão para as aulas de Língua Portuguesa.

Devido a isso, percebemos que as gramáticas não apresentam uma visão unificada desse fenômeno gramatical, a começar pela maneira como o definem. As que o citam, definem o termo *a gente* como expressão substantiva, sintagma nominal indefinido, índice de 1ª pessoa, pronome pessoal, entre outros; fato que acaba influenciando os livros didáticos, evitando com isso, um direcionamento coerente acerca desse estudo. Mas, explicável pelo fato de que é uma discussão contemporânea e avessa às tradições gramaticais e normativas de uso da língua.

A nosso ver, podemos incluir sem receios nas aulas de Língua Portuguesa o estudo do termo *a gente* como um pronome pessoal de representação da 1ª pessoa do plural equivalente a *nós*. Podemos realizar um estudo direcionado e contextualizado, fazendo análises, junto aos alunos, de textos em que o pronome *nós* ou seu equivalente *a gente* pudesse ser mais bem

empregado. Pois, segundo dados dispostos nesse artigo, está mais do que comprovada a aceitação e preferência de *a gente* por *nós*, principalmente entre os falantes mais jovens, que de certa forma, representam o corpo discente. Com isso, os alunos podem vir a sentirem-se motivados a estudar a sua língua e as suas várias formas de representação e adequação.

É necessário, sobretudo, que seja feita uma reflexão prévia e uma boa análise do material didático, gramática ou textos antes de se trabalhar com esse conteúdo em sala de aula, para que não se venha a confundir ainda mais o aluno. Pensando nisso, encerramos com uma propícia citação de Castilho (2010, p. 209).

Tendo a escola a obrigação de ensinar o português culto, e levando em conta o ingresso nela de muitos alunos que praticam a variedade popular, é evidente que os professores têm de conhecer bem ambas as variedades para desenvolver estratégias de, respeitando a popular, expor os alunos à variedade culta. Ou seja, é preciso que professores e alunos conheçam bem ambas as variedades para escolher com adequação aquela que melhor corresponda à situação de fala: em casa, adota-se a norma familiar, qualquer que seja ela; falando com estranhos, adota-se o português padrão. É nessa espécie de “bilinguismo interno”, manejado com naturalidade em sociedades desenvolvidas, que se assenta uma percepção democrática de uso da língua materna.

## Referências

- ABRAÇADO, A.M.J. *Mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: causas e consequências*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 1991. Dissertação (Mestrado)
- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BORGATTO, A.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. *Tudo é linguagem – 6º ano*. São Paulo: Ática, 2006.
- BOURGOGNE, C.V.B.; SILVA, L.S. *Interação & transformação : Língua Portuguesa -8ª série*. São Paulo: Editora do Brasil, 1996.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português linguagens – 6º ano*. São Paulo: Atual, 2009.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

- FERREIRA, G. et al. *Trabalhando com a linguagem – 6º ano*. São Paulo: Quinteto Editorial, 2009.
- KANASHIRO, A. R. *Português- 5ª série*. São Paulo: Moderna, 2006.
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- LOPES, C. R. dos S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado).
- MACHADO, M. dos S. *Sujeitos pronominais nós e a gente: variação em dialetos populares norte-fluminenses*. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado).
- MAIA, F. P. S. *A variação nós / a gente no dialeto mineiro, investigando a transição*. Universidade Federal de Minas Gerais: Revista da Abralín, v.8, n2, p.45-70, jul / dez 2009.
- MOURA NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- NICOLA, J. *Português – Ensino Médio*. São Paulo: Scipione, 2005.
- OMENA, N. P.; BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Orgs). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 75 – 83.
- OMENA, N. P. *A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?* In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ / Contracapa, 2003.
- SCHMITZ, J. R. *Coisa da gente*. Revista Língua Portuguesa, ano I , n. 11, p. 44 – 46, 2006.
- TERRA, E. *Curso prático de gramática*. São Paulo: Scipione, 1996.
- VIANNA, J. B. S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ. 2006.
- WINK, C. O; FINKENAUER, L. OTHERO, G. *Quadro pronominal e colocação dos pronomes à luz de cinco gramáticas do português brasileiro*. Domínios de Linguagem. Revista Eletrônica de Linguística, v. 6, n. 1, 2012.
- ZILLES, A. M. S. *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?* Porto Alegre: Letras de hoje, v. 42, n.2, p.27 – 44, junho, 2007.

## Anexo 1

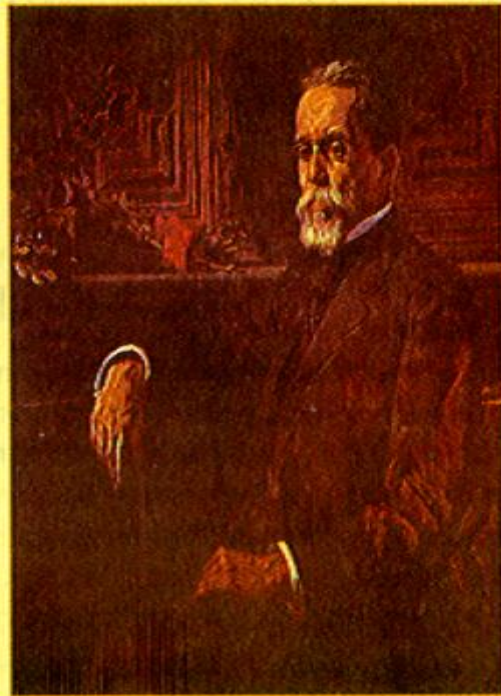
### ATIVIDADES

Leia com atenção os trechos seguintes, parte da transcrição de uma mesa-redonda sobre Machado de Assis composta de acadêmicos, e depois responda às questões.

**ROBERTO SCHWARZ:** (...) E, como todos sabem, o romance de Machado de Assis acaba sempre em nada. Então, é uma espécie de longa superioridade, de longa risada que acaba, não digo em inferioridade, que acaba em nada. Em todo caso, que acaba de maneira absolutamente desoladora. Esta é uma das particularidades literárias de Machado de Assis: a gente ri o tempo todo e o conjunto é desolador. (...)

**GARBUGLIO:** Eu acho que essa primeira parte está relativamente bem colocada. Agora só falta deitar um pouco mais de lenha na fogueira, e tenho a impressão de que essa é um pouco a nossa função, também aqui, fazer mais alguns desafios para ver aonde a gente pode chegar. Então eu daria a palavra primeiro ao Prof. Bosi e depois ao Mario Curvello para a continuidade do debate.

BOSI, Alfredo et alii. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1932.



Henrique Bernardelli. Machado de Assis. Óleo sobre tela. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, RJ.

1. Justifique o emprego de **desoladora**, **desolador** na primeira fala.
2. "Esta é uma das particularidades literárias de Machado de Assis: a gente ri o tempo todo e o conjunto é desolador."
  - a) Com os mesmos termos e sem alterar a ordem, re-escreva a frase considerando que "a gente ri o tempo todo" e "o conjunto é desolador" são duas características distintas.
  - b) A quem se refere o termo a gente?
  - c) Que passagem da fala de Schwarz explicita a ideia de generalização?
3. Releia a fala do professor Garbuglio.

A quem se refere o termo a gente? Justifique a resposta citando marcas presentes no texto.
4. "Então eu daria a palavra primeiro ao Prof. Bosi e depois ao Mario Curvello para a continuidade do debate."
  - a) A palavra **primeiro** apresenta marcas de concordância? Explique.
  - b) A conjunção e relaciona duas orações simétricas. Qual palavra, na segunda oração, corresponde à palavra **primeiro**?